

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.453

Sábado, 18 de Agosto de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Consumidores!

Preparai-vos para resistir contra o novo assalto da Moagem.

Á MERCÊ DOS BANDOLEIROS!

No Pinhal da Azambuja!

O ministro da Agricultura, para poupar ao Estado alguns milhares de escudos, amarra o povo de pés e mãos e entrega-o nas garras das moagens.

¿Mas quem pode acreditar na economia e boa administração dum Estado que deixa absorver as suas receitas por um exército e uma guarda republicana que de nada servem para o país?

O Estado quer poupar dinheiro. Porque motivo não reduziu o exército e a guarda?

E o povo está disposto a deixar-se roubar?

O ENCARRECIMENTO DO PÃO

DECRETA SE A IMPUNIDADE DA MOAGEM E... ...A MISÉRIA DOS CONSUMIDORES

O que se passou na entrevista ontem havida entre o ministro da Agricultura e uma comissão da C. G. T.

Que o pão, o principal alimento da maioria da população vai ser aumentado não pode restar sombra de dúvida. O ministro da Agricultura suprimindo o pão político assim o deliberou.

Ontem uma comissão da C. G. T. procurou o fim de lhe fazer sentir o embargo em que seriam colocados os consumidores com o novo e incomportável agravamento que representa para a sua bolha novo aumento do preço do pão.

O procedimento do ministro da Agricultura representa uma violência e uma crueza. Ele deve saber as delicadas circunstâncias económicas em que o proletariado se encontra devido à febre de lucro das chamadas «fórcas vivas». Ir, repentinamente, aumentar o preço do pão é manifestar o mais criminoso das despezas pelos interesses da população.

O ministro da Agricultura na rápida entrevista que teve com a comissão fez afirmações que merecem ser narradas e duramente escalpeladas.

O Estado não pode arcar com o encargo resultante do chamado pão político. Por isso, ele ministro, supriu-o. Essa supressão equivale a um aumento no preço do pão. E, o ministro perentoriamente declarou que o preço seria aumentado.

Qual será o custo do pão? O ministro não sabe. Que regime de pão será adoptado? Haverá um, dois, três tipos? O ministro ignora.

Quem o sabe é a Moagem. E, ela que compete criar o regime do pão. Se quizer criar um tipo único, pode fazê-lo; se entender adquirir o trigo de que necessitam para a laboração das

tais padarias? Certamente que a Moagem. E, esse monopólio, ficaria com as cooperativas nas mãos. Só elas lhe requisitasse farinha podia negar-se, alegando os preços mais estapafúrdios ou mesmo sem alegar pretexto algum. Porém, se colocarmos a hipótese de que as talas cooperativas, que

apenas existem no cérebro do ministro e tem expansão nas palavras que lhe saíram dos lábios, obteriam da Moagem, toda poderosa, o trigo de que precisavam em que condições lhe seria fornecido? Evidentemente, que a Moagem forneceria o trigo em condições tais que tornaria impotentes as cooperativas para prestar benefícios aos consumidores e imediatamente de concorrência.

A este respeito não pôde ele, apesar do tom energético que imprime as suas palavras dar uma resposta concorrente e satisfeita. Em troca falou-lhe várias paráfrases, que viradas do avesso, apenas são susceptíveis de produzir poeira; uma poeira imponderável que nem sequer conseguirá convencer a pessoa que possua a mais inacreditável baixaria.

Estava — disse ele — disposto a auxiliar as cooperativas existentes e a favorecer a criação de outras que se formassem fossem elas práticas ou por bairros. Essas cooperativas poderiam se quissem ter padarias, fabricar o pão. Os leitores estão vendo, ao mesmo tempo que o ministro realiza-se a sua promessa de auxiliar as cooperativas, a infelicidade que resultaria de semelhante medida. Onde iriam as cooperativas adquirir o trigo de que necessitam para a laboração das

cidades? E, a Moagem, devido à sua atitude, vai pôr à venda. E essa

certeza manifestou-a ele, quando declarou à comissão que, em caso de necessidade, se valeria da Manutenção. E, poderia a Manutenção Militar forçar os moageiros a terem conta, que o pão não deveria ser vendido a um preço espantosamente elevado? Não, o ministro não quer isso.

A Manutenção Militar, não fará em caso algum porque en não quer, pão para o consumo de toda a cidade declarou ele perentoriamente.

E quem aproveitará o pão que a Manutenção Militar viesse a fabricar? Aqui também o ministro nos aparece com ideias bastante esquisitas. O pão — diz ele — será fabricado apenas para os mais necessitados. E quem são os mais necessitados? O ministro, sempre energético, que decodirá. E como fará ele a distinção entre os que podem alimentar a Moagem e os que precisam de pão da Manutenção. O ministro não hesita. Mandar fazer senhas e distribuir-las. Quem tiver senha é necessitado. E, quem não tiver não o é. Mas, assim aparecem as bichas do pão. Não aparecem, voltam o ministro. Como a comissão mostrasse a sua extranheza perante essas afirmações ele responder que esteve num país onde o pão fôra fornecido, durante quatro anos, por meio de senhas, sem haver bichas. O argumento é fortíssimo. Se não houver bichas em Paris, também as da vida, devido à subida do pão.

Trata-se de pôs dum ministro bem extraordinário.

E a população estará disposta, a ser condenada à miséria, em holocausto à sua audácia?

O CONGRESSO DO PROFESSORADO

Uma sessão dedicada aos professores já falecidos—Recordam-se as prestigiosas figura de Vergílio e Manãcas

Notas e impressões do nosso enviado especial

(Do nosso enviado especial)

LEIRIA, 17.—T—A sessão de homenagem aos professores falecidos abriu-se às 9,45 horas. O palco encontrava-se guardado de fotografias desses malogrados professores.

O sr. Manuel Barroso expôs os fins da sessão. Depois indicou o congresso aceita, para presidente o sr. Pedro de Almeida, que escolheu para secretária D. Alzira Mena, delegada de Tondela e Mendes Cabral, delegado da Guarda.

O presidente fez o elogio dos falecidos, especialmente de Manuel José Gouveia, jornalista e pedagogo, propondo que a escola que ele regiu fique tendo o seu nome.

Belmiro Xavier lembra os serviços prestados pelos professores falecidos a causa da instrução. Mário Vieira, Rodrigues Direito e Mendes Cabral prestaram também homenagens incitando os novos a seguir-lhes o exemplo.

Armando Boaventura, ex-professor e representante da Epoca, prestando também homenagem, invoca os antepassados num discurso pleno de misticismo.

A melhor homenagem

Gomes Belo um dos novos afirmou que a melhor homenagem é inspirar-se

no bem da humanidade para que cessem as guerras e os ódios. Lembra, saudoso, o professor Manãcas, dizendo que ele queria a escola integrada na evolução dos tempos.

Manuel da Silva num interessante discurso diz que a melhor homenagem não é falar de mortos que foram homens do seu tempo, mas prosseguindo unidos nas lutas futuras. Se Vergílio e Manãcas não estavam inspirados com outros falecidos nas mesmas crenças, tinham fé na moderna filosofia inspirada em melhores dias.

Faria Artur leu um discurso que era um verdadeiro hino à solidariedade que é o triunfo do ideal. Falaram ainda Maurício, Bermes, Augusto Martins e Almeida Costa que afirmam serem Vergílio e Manãcas as águas da classe.

Anarquista como Vergílio que foi um exemplo cheio de beleza espiritual e amor profissional, e à humanidade. A melhor homenagem é continuar a sua obra.

O presidente encerrando a sessão declarou-se satisfeito com as afirmações do congresso e com a presença do representante do operariado do qual fez rascas eloquio. O seu discurso foi coroado com uma salva de palmas. A

REVULSIVOS

PRISÕES INJUSTAS

Foi levantada a incomunicabilidade a Giovanni Michaeli

O caso Giovanni Michaeli

Giovanni Michaeli já não está incomunicável nem devia tampouco estar preso.

A final para que o mantiveram tanto tempo e ilegalmente incomunicável. As nossas autoridades são assim. Cometem atrocidades, perseguem, torturam para nada — para se provar que razão não havia para tanta violência.

O caso Giovanni Michaeli é um exemplo frisante da incoerência das autoridades. Pela segunda vez ele é perseguido sem motivo. Levantaram-lhe a incomunicabilidade, amanhã terão de pô-lo em liberdade.

Mais uma prisão

Foi preso ontem à noite, o camarada Alberto da Silva, quando subiu a escadaria da Associação dos Caixeiros para assistir à sessão que ali se realizou. Entre os captores figurava o repugnantesíssimo biltre que dâa pelo nome de Antônio Duarte, que não canca na vilíssima missão a que se dedicou.

Alberto da Silva, que reside na ruas do Arco do Carvalhão, onde é muito estimado, é o amparo de sua mãe e de três irmãos ainda pequenos, que ficarão

esta humilde carta, a fim de (como V. Ex. está vendo) mostrar aos meus amigos, leitores e camaradas brasileiros a estima que tenho por um jornalista que escreve coisas tan verdadeiras.

Fica ao seu dispor o que é

De V. Ex. Am. Mt. Obr. Mário Domingues redactor do jornal A Batalha de Lisboa

P. S.—Muito particularmente, peço a V. Ex. a transcrição ao seu esplêndido redactor sr. Orestes Barbosa os meus agradecimentos pelo feliz soubrique—crecito de Moçambique—que sua amigação original para mim achou. E diga-lhe também que aprecio imenso os versos dos poetas que él citou. Bakunin, Krapotkin, Gorki e Malatesta...

M. D.

Agora, presos leitores, cumprida a minha obrigação — premiar um jornalista de gênio que atravessou o Atlântico para escrever aquilo — permitam-me que volte ao meu silêncio e goze deliciado esta vaga de calor que ameaça reduzir-me a torresmos.

Mário DOMINGUES

Jornalista de torna viagem

Com um pouco de boa vontade consegue-se elevar o sr. Orestes Barbosa á categoria de pessoa de gênio

Uma carta para o director de A PATRIA do Rio de Janeiro

um em que pedia ao governo para soltar um operário que mataria, a tiros, um capitalista, no cemitério dos Prazeres, no dia do enterro do conde de Sabugosa, crime que abalou a população.

Conhecem agora o sr. Orestes Barbosa? Sim, é realmente um animalíssimo, vestido de pessoa, de delicadeza afectada, que um dia apareceu aqui, na redacção, afim de nos apresentar uns cumprimentos, que não lhe solicitamos, e que tivemos a condescendência de receber.

Costumámos ser delicado para quem nos visita — e apesar de — as primeiras palavras nos apercebermos de que o sr. Orestes Barbosa, que se apresentava como jornalista, era uma razável besta, não abrimos para él exceção.

Mas o sr. Barbosa, a despeito dos nossos esforços, não compreendeu o que lhe dissemos amigavelmente, pacientemente, no intuito de, em poucas e claras palavras, o elucidarmos acerca do movimento operário português.

Era lógico que, por uma questão de delicadeza, nos fizéssemos um pouco ignorantes das coisas brasileiras e perguntássemos ao recémvindo como ia lá o Brasil a questão social. Orestes, na sua voz arrastada, disse-nos, o que

era só muito intrujo. Eu vi que algumas delas, que vieram expulsos de lá, aqui não fizeram roça...

A Batalha prega o crime com todo o gosto.

Faz ameaças trágicas e tem excelente vendagem no mundo trabalhador.

Entre a coragem de seus artigos vi-

O trabalho nas cadeias

Rebatendo mentirosas afirmações do sr. França Júnior

A propósito da fuga do «Padiñhas» numa entrevista concedida a um redator do «Diário de Notícias» diz o sr. França Júnior:

«Aqui no Limoeiro, tenho actualmente cerca de 800 presos, quando a lotação desta prisão não dê para metade. Divididos pela cadeia de Monsanto seria bom, se tivesse à disposição meios de transporte e os guardas necessários para ali os vigiar nos seus trabalhos. Sim, em Monsanto irábalha-se, podendo mesmo dizer-se que aquilo é mais uma grande oficina de que uma cadeia de criminosos. Dali tem saído bons operários que, tendo chegado sem ofício nem benefício, inativos, uns tristes parasitas sociais, conseguem ao cabo de uma curta aprendizagem, ser óptimos serraleiros, carpinteiros, cultivadores de terras, calceteiros, sapateiros, latoceros, torneiros mecânicos, etc., etc.»

Para este bocadinho que acabo de transcrever, convergiram todas as minhas atenções, e cumpre-me o dever como amigo da verdade, arrancar a máscara de hipocrisia a que com ela se queria encobrir.

O senhor França, mentiu ao fazer aquelas afirmações, digo e afirmo sem receio de desmentidos.

A cadeia de Monsanto tem actualmente para cima de 700 presos, quando a sua lotação não poderá ir muito além de 400. De todo esse número de presos, apenas uns 200 trabalham nas oficinas, no campo e outros serviços.

Vejamos agora em que condição. Começarei pelos que trabalham nas oficinas. Em toda a volta do Porte existe um fôsso dentro do qual estão as oficinas instaladas, o que não oferece nenhuma condições higiênicas, devendo acrescentar-se que o telhado das mesmas é feito com chapas de zinco, pelo que constitui um verdadeiro suplício trabalhar-se ali, principalmente na época que atravessamos.

O «ordenado» que recebem os presos que se estiolam nas oficinas, é um ver-dadeiro roubô.

Os carpinteiros e serraleiros que trabalham por conta da casa ganham \$60 por dia e como seja um ordenado fabuloso, parte dos dias não lhes são pagos, conforme foi afirmado por um serraleiro e um carpinteiro a quem escreve estas linhas.

A maior parte das oficinas, são exploradas por criaturas sem escrúpulos que, como roceiros, fazem trabalhar os seus escravos, e que, em substituição do chicote, tecem os «segredos» desta imunda «Bastilha». Estas criaturas são os arrematantes, que tem chegado ao ponto de mandar meter nos «segredos» os presos que ousam pedir mais um pouco de aumento na irrisória remuneração do seu trabalho extramunal!

Atentem pistas: os presos que tra-

bam na oficina dos cestos, ganham pe-

la manufatura de uma «rapozas», cesto

quando os arrematantes vendem esses

cestos pela bonita soma de 10 e 12 es-

cudos! Presos há que tem recebido por

semana \$70 e \$80! Além disso, ainda

lhes descontam uma certa importância,

que alegam esses «generosos» senhores

ser para a fazenda nacional, facto que o

próprio ministro disse descrever quando na sua última visita a esta ca-

deia.

Agora falemos dos que trabalham na

cultivação das terras e na construção de

novas estradas.

Estes presos saem às 8 horas da prisão

para o trabalho e só tornam a entrar

na prisão às 6 da tarde. Trabalham todo

o dia debaixo dum sol ardente, sem que

aínda lhes tivessem distribuído um cha-

pens de palha que os resguardasse um

pouco das insuportáveis temperaturas

da época que atravessamos.

Pois sabem quanto ganham esses es-

cravos, por cada dia de trabalho? \$07

por dia! Isto é a mais revoltante das

desumanidades.

Consta que há ainda uma verba des-

ignada a pagar a um professor na ca-

deia de Monsanto e o outro no Limoeiro

para ministrar a luz da instrução

aos reclusos.

Pois há alguns anos que as aulas não

funcionam. Porquê? Abriaram, afinal,

com essa verba, ou alguém a recebe

sem que esse benefício trabalho execute?

Como podem, pois, ser esta e outras

cadeias verdadeiras ofícias de tra-

balho como diz o sr. França?

São justamente o contrário, só ser-

vindo para embrutecer. Não só roubam

a liberdade como também o desejo de

adquirir instrução em amor ao tra-

balho. Afirmo-o com todo o desassombro

à frente seja de quem for.

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos

sem ofício? Se os que sabem alguma

coisa, embutecem-se completamente

neste antro oneroso!

Como podem bons artistas que para

aqueles afiram, e que são votados ao maior

desprezo, trabalhar com amor e arte?

Como podem, tornar-se bons artistas,

os homens que para aqui são metidos</

A BOA PAZ

A questão internacional

A situação dos operários russos perante a nova política económica

Adoptação do novo sistema de política económica, liberdade de comércio e liberdade da indústria, que representa o regresso ao regime burguês, ao liberalismo individualista, dentro do qual se desenvolverão as fortunas e se reconstituirá a propriedade privada—diga em contrário o que disserem os que confiam no «freio» que constitui o grande imposto para o Estado comunista—deverá coincidir com a adopção de idêntica liberdade para os proletários—liberdade de associação para a resistência à exploração, liberdade de greve, liberdade de reclamação, liberdade para a livre expressão do pensamento, liberdade, enfim, para os operários, pelo seu esforço próprio, criarem condições de resistência e de progresso.

Tal não sucede, porém, porque o Estado comunista não se dispensa do direito de decretar, nem de exercer a indústria em grande escala e nessa qualidade de duplo patrão, não pode permitir que os operários gozem os direitos que conquistaram na Revolução, mas que perderam ao confiar no messianismo comunista, imposto sob a forma ditatorial e pela violência do terror.

E assim que do comunismo de Estado se passou no Estado capitalista sob cujo regime—como no anterior—os operários sofreram crueldades e misérias inenarráveis—a darfmos crédito ao que já diz o comunista Lanty e não tem razões para duvidar.

Pela tabela de salários que é colhida em Moscovo, em finais do ano passado, 5 anos depois da Revolução, já se pode avaliar das aguadas da maior parte do proletariado que, apesar de lidar com milhões, não ganha nem para um quilo de pão de trigo por dia.

E ainda há a acrescentar que é daqueles parcos salários que é extraída uma percentagem destinada aos invalidos.

Parece, pois, que o Estado comunista, uma vez que tolhe toda a iniciativa dos soviéticos livres e não permite que os sindicatos gerissem a produção estimulando a sua intensificação como pretendia a «oposição operária», devia, ao elaborar o novo Código de Trabalho, revestir de possibilidades dentro das quais os operários podessem, pelo menos, defender-se das extorsões capitalistas.

Mas já está dito—o Estado comunista é patrão e não há patrão algum que voluntariamente outorgue direitos aos operários se estes os não conquistarem.

Assim, por exemplo, segundo o novo código de Trabalho, os operários já não são obrigados, como antes, a fazer parte dos sindicatos; acidentes que a sindicalização dos operários era obriga-tória e não esqueçamos que, era com

aqueles massas, que não exprimiam a sua própria vontade, mas a dos comunistas governamentais, que com elas jogavam nas relações do proletariado internacional).

Mas se pretendem organizar-se em sindicatos à margem dos oficiais, a sua ação—a não ser que, mais tarde, venha a impôr-se, como sucedeu nos Estados burgueses—é nula.

O artigo 155 do Código do Trabalho diz que «toda a organização económica que não está registada no conselho local dos sindicatos, não tem o direito de intitular sindicato ou é oficial» e fica preso à engrenagem do Estado, ou não existe—o dilema.

Mas há mais. O artigo 140 define as funções do comité de fábrica, que não actua como organismos independentes; é a cábula básica do sindicato na empresa». «O comité de fábrica deve cooperar no desenvolvimento normal da produção nas empresas do Estado, e participar por intermédio dos sindicatos correspondentes na regulamentação e na organização da economia nacional».

Isto é a colaboração com o capitalismo imposto pelo Estado comunista, visto que os beneficiados directos, como nos Estados burgueses, são o Estado e os capitalistas a quem é permitido explorar as indústrias. A comprovação de que avanço encontra-se nas tabelas de salários e de custo da vida já publicadas.

Todos os contratos de trabalho, entre patrões e operários, sejam realizados por intermédio dos sindicatos ou firmados pelos operários sem a intervenção dos sindicatos, são obrigatórios.

O direito de greve nem sequer está previsto. E' sempre o carácter de obrigatoriedade absoluta, a despeito de estar demonstrado exuberante e tragicamente que a obrigatoriedade, imposta pela lei e correspondentes tribunais, como ante o terrorismo policial e militarista, não faz de forma alguma aumentar a produção, antes pelo contrário.

Pois o novo código, inspirado no marxismo (sic) chega a coartar direitos já reconhecidos pelos códigos burgueses. E' duro, mas é verdadeiro. Vejamos: Segundo o artigo 24, se um contrato é firmado e se os operários ou empregados a certa altura—como sucede em toda a parte—pretendem uma reconsideração, tem de notificar esse desejo ao Estado ou ao patrão particular por intermédio do sindicato, com duas semanas de antecedência; se o contrato é feito sem a intervenção do sindicato, os operários podem fazer a notificação de reconsideração com a antecedência de três dias. Mas o patrão (ou o Estado)

também há algo que dizer. Mas já não pode ser neste. Esse outro aspecto fixá-lo-emos no artigo seguinte.

M. J. de SOUSA

Festa de homenagem

Realiza-se hoje, às 21 horas, no Centro Socialista de Lisboa, rua do Benfim, 150, 2.º a festa de homenagem a Lingg Costantino, com um programa cheio de surpresas e atractivos. A Troupe Artística «Amigos da Arte» leva à cena o prólogo social «Amanhã...» e uma hilariante comédia em duas partes.

Eduardo Relvas e Lingg Constantino exibirão um magnífico repertório de sorte de prestidigitador.

Haverá um acto de recitativos no qual tomar parte, entre outros amadores Armando Serrão e Gastão Sérgio que recitarão poesias sociais.

A conhecida Troupe de Bandolinistas «Os Bichinhos» farão ouvir um lindo repertório.

Os bilhetes que restem vendem-se à porta.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas, ócas e mescissas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E' a casa que fornece em melhores condições).

LIMAS

As melhores sãs da Tomé Peixoto Vieira de Leiria. Peder em todas as lojas de ferragens Rivalzinho.

MARCAS REGISTADAS para com as melhores inglesas.

LEÃO TOLSTOI

POLHETIM DE A BATALHA

N.º 14.
18 DE AGOSTO
DE 1923

Maldito dinheiro

A estouada baba acabara também por adormecer em cima do banco, veda como estava, sem pôr nada debaixo da cabeça e não se ouvindo quer a sua respiração.

Doutlov fez a sua oração, lançou um olhar para a baba de Iluichka e abanou a cabeça, depois subindo para cima do fogão estendeu-se ao lado do neto. Deixou cair de alto os seus lápits, na obscuridade, deixou-se de costas, e, de olhos abertos, escutou as baratas que faziam barulho na parede, os dorminhocos que resonavam e os animais que andavam pelo pátio.

Por mais que quisesse não conseguia adormecer.

A lua que acabava de romper lançou alguma claridade na isba.

Doutlov notou no canto de Aksinia alguma coisa que não podia distinguir:

«não tem que fazer notificação alguma: despedem o operário ou empregado num dado momento, bastando apenas dizer uma justificação constante do Código e uma delas é a «diminuição da produção».

O horário de trabalho é estabelecido pelo artigo 95 do Código do Trabalho, tal como cá pela lei do consulado Dias da Silva. Mas logo é regulamentada pelo artigo 106, pouco mais ou menos, como foi pelo decreto do Vasco Borges.

As horas extraordinárias são admitidas sempre «no caso de execução de trabalhos necessários para a defesa da República e para obstar aos perigos e cataclismos sociais; no caso de execução de trabalhos de carácter público, tais como a iluminação, canalização, saneamento, os transportes, os serviços postais e telegráficos; no caso de ser necessário concluir um trabalho começado, mas que não pode ser terminado a tempo por razões de falta de material; no caso de execução de trabalhos temporários, tais como as reparações e restauração de maquinismos e engrenagens quando o seu abandono levaria à paralisação de trabalho de grande número de operários».

Por estas ou por outras razões e uma delas é, certamente, o parco salário do maior número de operários, as horas extraordinárias constituem por assim dizer regra geral.

O Código do Trabalho estabelece igualmente um tribunal de arbitragem. Mas, segundo o artigo 175, quando uma das partes não cumpre as decisões tomadas, a questão é levada para os tribunais civis. A sentença destes tem que ser obrigatoriamente cumprida.

Nós sabemos muito bem como são organizados os tribunais de arbitragem. Na sua constituição entra sempre um membro de desempate, que, em regra, inclina para o lado dos mais fortes. No caso russo os mais fortes são os juízes ou os representantes da parte que avanço encontra-se nas tabelas de salários e de custo da vida já publicadas.

Todos os contratos de trabalho, entre patrões e operários, sejam realizados por intermédio dos sindicatos, com duas semanas de antecedência; se o contrato é feito sem a intervenção do sindicato, os operários podem fazer a notificação de reconsideração com a antecedência de três dias. Mas o patrão (ou o Estado)

também há algo que dizer. Mas já não pode ser neste. Esse outro aspecto fixá-lo-emos no artigo seguinte.

M. J. de SOUSA

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

CEZIMBRA 16 DE AGOSTO Um desastre mortal

Vítima dum desastre, foi esta madrugada encontrada morto o conhecido negociante de peixe Borachininho, natural do Barreiro, para onde seguia numa carroça carregada daquele género, quando o animal, espantando-se, deu motivo a que ele se despenhasse numa rampa que existe no local denominado «O Padeiro», distante uns 300 metros do lugar de Santana.

Este desastre é o terceiro ocorrido em idênticas circunstâncias, sendo indispensável que se façam na entrada as reparações necessárias, de modo a tornar mais seguro o transito de veículos por ela.

A quem competir reclamamos rápidas providências.

Agrémiações várias

Caixa de Auxílio a Estudantes do Sexo Feminino.—As alunas submisas por esta instituição devem comparecer na Caixa, no dia 19 do corrente, às 13 horas, para receberem o terceiro trimestre, devendo trazer a nota do aprovaamento, bilhete de identidade e última cota paga.

CARLOS A. SANTOS Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

O momento irlandês

Em torno da prisão De Valera

DUBLIN, 17. — O presidente do comício em que foi preso De Valera desmente a informação oficial que diz que se tinha feito fogo da plataforma dos oradores contra as tropas, afirmado pelo contrário que os soldados romperam fogo sem provocar nem provocação.

Tem havido aumento de preceções militares nesse cidade.

Os comentários sobre a prisão foram dos meios republicanos referem-se apenas a alguma levantaria contra encarceramento do pão. Ele já está habituado a tais subidas de preços. Pena é que o aumento não fosse maior... E por que assobiaria na frente do seu estaleiro, num tom de chacota e de desprezo pelas bestas dos seus clientes...

De facto, o industrial de padaria teve razão. Os consumidores são uma camada de parvos. Não houve ontem quase quinze, não se verificou o mais leve protesto, nem sequer esqueceram a sua máfia da padaria. E, torcendo o bigode, acrescentou esperançoso: «Ora deixem estar que, daqui por algumas semanas, o pão, num sentido geral, vai sofrer um novo e surpreendente agravio no seu custo. E melhor ainda, que elas elogiassem a altitude da panificadora: «Sim, é mais caro mas tostado, mas o pão é maiorzinho, tem outra graca...».

A bestialidade humana contenta-se com as aparições. As marocas premeditadas, os fins reservados, o fundo das questões, são-lhe indiferentes. Assim, o explorador e respeitável público, que deve pagar mais, muito mais mesmo, não teve a sagacidade de ver que a aumentação do volume do pão é uma espécie de reclame nos primeiros dias, é uma má cheia de poeira largada aos olhos dos pacovões, dos pais...».

Nesta estralhação cegeira, essas lornas não foram capazes de lobrigar que o tamanho dos pães faziam diferença dumas padarias para as outras. E' que algumas partes é maior a pressa em por em execução esta nova resolução tomada: reduzir a expressão mais simples, depois de apalavrado o pulso do público, a grandeza do massudo, que era guria regional significativa pão de trigo. Porque está definido para a usura padaria que o pão, passados os primeiros momentos de experiência, tome a configuração dum pink...

Ah! esta gente do Porto é de bom humor! E' questão de saberem dar-lhe

O problema do pão no Porto

6 povo, como uma criança, deixa-se iludir por luminosas aparições. Haja pandega e o resto pouco importa!...

PORTO, 15. — Dizia ontem, todo anhado, um proprietário de padaria: «Ora eu sempre afirmo que o público protege a panificação sabem que ontem se efectuaram duas festas de arromba, uma nos Carvalhos e outra na Serra do Pilar, no concelho de Vila Nova de Gaia, do outro lado do rio. Sabem que o povo do norte é um maluco por romarias, as quais o fazem sair a assobiar na frente do seu estaleiro, num tom de chacota e de desprezo pelas bestas dos seus clientes...».

De facto, o industrial de padaria teve razão. Os consumidores são uma camada de parvos. Não houve ontem quase quinze, não se verificou o mais leve protesto, nem sequer esqueceram a sua máfia da padaria. E, torcendo o bigode, acrescentou esperançoso: «Ora deixem estar que, daqui por algumas semanas, o pão, num sentido geral, vai sofrer um novo e surpreendente agravio no seu custo. E melhor ainda, que elas elogiassem a altitude da panificadora: «Sim, é mais caro mas tostado, mas o pão é maiorzinho, tem outra graca...».

A bestialidade humana contenta-se com as aparições. As marocas premeditadas, os fins reservados, o fundo das questões, são-lhe indiferentes. Assim, o explorador e respeitável público, que deve pagar mais, muito mais mesmo, não teve a sagacidade de ver que a aumentação do volume do pão é uma espécie de reclame nos primeiros dias, é uma má cheia de poeira largada aos olhos dos pacovões, dos pais...».

Nesta estralhação cegeira, essas lornas não foram capazes de lobrigar que o tamanho dos pães faziam diferença dumas padarias para as outras. E' que algumas partes é maior a pressa em por em execução esta nova resolução tomada: reduzir a expressão mais simples, depois de apalavrado o pulso do público, a grandeza do massudo, que era guria regional significativa pão de trigo. Porque está definido para a usura padaria que o pão, passados os primeiros momentos de experiência, tome a configuração dum pink...

A bestialidade humana contenta-se com as aparições. As marocas premeditadas, os fins reservados, o fundo das questões, são-lhe indiferentes. Assim, o explorador e respeitável público, que deve pagar mais, muito mais mesmo, não teve a sagacidade de ver que a aumentação do volume do pão é uma espécie de reclame nos primeiros dias, é uma má cheia de poeira largada aos olhos dos pacovões, dos pais...».

Nesta estralhação cegeira, essas lornas não foram capazes de lobrigar que o tamanho dos pães faziam diferença dumas padarias para as outras. E' que algumas partes é maior a pressa em por em execução esta nova resolução tomada: reduzir a expressão mais simples, depois de apalavrado o pulso do público, a grandeza do massudo, que era guria regional significativa pão de trigo. Porque está definido para a usura padaria que o pão, passados os primeiros momentos de experiência, tome a configuração dum pink...

A bestialidade humana contenta-se com as aparições. As marocas premeditadas, os fins reservados, o fundo das questões, são-lhe indiferentes. Assim, o explorador e respeitável público, que deve pagar mais, muito mais mesmo, não teve a sagacidade de ver que a aumentação do volume do pão é uma espécie de reclame nos primeiros dias, é uma má cheia de poeira largada aos olhos dos pacovões, dos pais...».

Nesta estralhação cegeira, essas lornas não foram capazes de lobrigar que o tamanho dos pães faziam diferença dumas padarias para as outras. E' que algumas partes é maior a pressa em por em execução esta nova resolução tomada: reduzir a expressão mais simples, depois de apalavrado o pulso do público, a grandeza do massudo, que era guria regional significativa pão de trigo. Porque está definido para a usura padaria que o pão, passados os primeiros momentos de experiência, tome a configuração dum pink...

A bestialidade humana contenta-se com as aparições. As marocas premeditadas, os fins reservados, o fundo das questões, são-lhe indiferentes. Assim, o explorador e respeitável público, que deve pagar mais, muito mais mesmo, não teve a sagacidade de ver que a aumentação do volume do pão é uma espécie de reclame nos primeiros dias, é uma má cheia de poeira largada aos olhos dos pacovões, dos pais...».

Nesta estralhação cegeira, essas lornas não foram capazes de lobrigar que o tamanho dos pães faziam diferença dumas padarias para as outras. E' que algumas partes é maior a pressa em por em execução esta nova resolução tomada: reduzir a expressão mais simples, depois de apalavrado o pulso do público, a grandeza do massudo, que era guria regional significativa pão de trigo. Porque está definido para a usura padaria que o pão, passados os primeiros momentos de experiência, tome a configuração dum pink...

A bestialidade humana contenta-se com as aparições. As marocas premeditadas, os fins reservados, o fundo das questões, são-lhe indiferentes. Assim, o explorador e respeitável público, que deve pagar mais

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE AGOSTO

D.	5	12	19	26	HOJE O SOL
S.	6	13	20	27	Aparece às 5,52
T.	7	14	21	28	Desaparece às 19,29
Q.	8	15	22	29	FASES DA LUA
Q.	9	16	23	30	Q. L. N. 12-a 19,22
S.	10	17	24	31	Q. C. 18-a 11,17
S.	11	18	25	-	Q. L. C. 28 6,07

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,57 e às 7,24

Baixamar às 0,02 e às 0,27

CAMBIOS

Paises	Mos-das	Ao par	Ontem	Venda
Alemanha	Marcos	525	—	—
Austrália	Côrdoba	9,1	—	—
Bélgica	Francos	87,8	1.072	1.083
Espanha	Pestos	81,8	55,70	56,95
E. U. A.	Dólares	82,4	24.010	24.183
Francia	Francos	81,8	143,6	143,6
Holanda	Florins	87,2	1.097	1.097
Impérios	Itárias	48,0	117,00	117,00
Itália	Liras	81,8	1.053	1.041
Suíça	Francos	81,8	4.355	4.365

MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos	Dias
Baron Renfrew, Glasgow	18
Frigus, Casablanca	18
Stephen, Madeira, Pará e Mâo	19
Asia, Providence e New-York	20
Portugal, Funchal e Portos de África	20
Subeas, portos do Brasil e Argentina	20
Carvalho, Funchal e portos do Brasil	20
Darro, Vigo e Liverpool	20
Madona, Pireu, Smirna, Constantinopla, Constança, Jaffa, Belgrado e Marsella	20
Hildebrand, Liverpool	20
Massilia, portos do Brasil e Argentina	20
Almazona, Vigo, Cherbourg e Southampton	20
Guichen, portos do Brasil e Argentina	20
Casanance, portos do Brasil	20
Presidente Wilson, Nápoles, Messina, Patras, Ragusa e Trieste	20

HORARIO DOS COMBOS

Paris-Cádis-Londres	
Partida Sud-Express	às 12-25—Chegada às 19-20. (Diário).
Madrid-Paris (Directo)	Partida do Rossio às 11-10 (às segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo); —Chegadas às 15-16 (às segundas, quartas e sextas-feiras) e às 14-20 e 23-22—Sud-Express; Partida às 12-25—Chegada às 19-20.
Elvas, Badajoz e Sevilha	Partida do Rossio às 21-30—Chegada às 5-45.
C. Branco, Covilhã e Guarda	Partida do Rossio às 9-40 e 21-30—Chegadas às 8-45 e 17-50.
Torres, Caldas, Figueira, Alfarcos e Porto	Partidas do Rossio às 8-15 e 17-10—Chegadas às 0-14 e 9-55—Directo as Caldas: Partida às 18-20—Chegada às 10-29.
Sintra	Vendas Novas e Vila Real de Santo António
Nos dias úteis—Partida do Terreiro do Paço às 6—Chegada às 12-20.	Partida do Rossio às 9-12, 7-04, 8-28, 9-20, 10-19, 12-02, 14-12, 16-34, 17-58, 18-47, 20-50 e 25-58.
Aos sábados o comboio que sai de Lisboa às 14-07 e subindo por terra que sai as 14-07 e chega à Sintra às 15-39.	Aos domingos—Partidas do Rossio, às 1-6, 6-10-a, 9-16-a, 10-50-a, 11-50-e, 12-50-e, 12-50-a, 18-17-a, 19-50-a, 21-10-a e 25-a. Chegadas à Sintra às 2-04, 7-20, 10-22, 11-15, 12-28, 12-33, 12-35, 13-38, 19-21, 21-25, 22-28, 23-33, 24-38, 25-42, 26-47, 27-52, 28-57, 29-62, 30-67, 31-72, 32-77, 33-82, 34-87, 35-92, 36-97, 37-102, 38-107, 39-112, 40-117, 41-122, 42-127, 43-132, 44-137, 45-142, 46-147, 47-152, 48-157, 49-162, 50-167, 51-172, 52-177, 53-182, 54-187, 55-192, 56-197, 57-202, 58-207, 59-212, 60-217, 61-222, 62-227, 63-232, 64-237, 65-242, 66-247, 67-252, 68-257, 69-262, 70-267, 71-272, 72-277, 73-282, 74-287, 75-292, 76-297, 77-302, 78-307, 79-312, 80-317, 81-322, 82-327, 83-332, 84-337, 85-342, 86-347, 87-352, 88-357, 89-362, 90-367, 91-372, 92-377, 93-382, 94-387, 95-392, 96-397, 97-402, 98-407, 99-412, 100-417, 101-422, 102-427, 103-432, 104-437, 105-442, 106-447, 107-452, 108-457, 109-462, 110-467, 111-472, 112-477, 113-482, 114-487, 115-492, 116-497, 117-502, 118-507, 119-512, 120-517, 121-522, 122-527, 123-532, 124-537, 125-542, 126-547, 127-552, 128-557, 129-562, 130-567, 131-572, 132-577, 133-582, 134-587, 135-592, 136-597, 137-602, 138-607, 139-612, 140-617, 141-622, 142-627, 143-632, 144-637, 145-642, 146-647, 147-652, 148-657, 149-662, 150-667, 151-672, 152-677, 153-682, 154-687, 155-692, 156-697, 157-702, 158-707, 159-712, 160-717, 161-722, 162-727, 163-732, 164-737, 165-742, 166-747, 167-752, 168-757, 169-762, 170-767, 171-772, 172-777, 173-782, 174-787, 175-792, 176-797, 177-802, 178-807, 179-812, 180-817, 181-822, 182-827, 183-832, 184-837, 185-842, 186-847, 187-852, 188-857, 189-862, 190-867, 191-872, 192-877, 193-882, 194-887, 195-892, 196-897, 197-902, 198-907, 199-912, 200-917, 201-922, 202-927, 203-932, 204-937, 205-942, 206-947, 207-952, 208-957, 209-962, 210-967, 211-972, 212-977, 213-982, 214-987, 215-992, 216-997, 217-1002, 218-1007, 219-1012, 220-1017, 221-1022, 222-1027, 223-1032, 224-1037, 225-1042, 226-1047, 227-1052, 228-1057, 229-1062, 230-1067, 231-1072, 232-1077, 233-1082, 234-1087, 235-1092, 236-1097, 237-1102, 238-1107, 239-1112, 240-1117, 241-1122, 242-1127, 243-1132, 244-1137, 245-1142, 246-1147, 247-1152, 248-1157, 249-1162, 250-1167, 251-1172, 252-1177, 253-1182, 254-1187, 255-1192, 256-1197, 257-1202, 258-1207, 259-1212, 260-1217, 261-1222, 262-1227, 263-1232, 264-1237, 265-1242, 266-1247, 267-1252, 268-1257, 269-1262, 270-1267, 271-1272, 272-1277, 273-1282, 274-1287, 275-1292, 276-1297, 277-1302, 278-1307, 279-1312, 280-1317, 281-1322, 282-1327, 283-1332, 284-1337, 285-1342, 286-1347, 287-1352, 288-1357, 289-1362, 290-1367, 291-1372, 292-1377, 293-1382, 294-1387, 295-1392, 296-1397, 297-1402, 298-1407, 299-1412, 300-1417, 301-1422, 302-1427, 303-1432, 304-1437, 305-1442, 306-1447, 307-1452, 308-1457, 309-1462, 310-1467, 311-1472, 312-1477, 313-1482, 314-1487, 315-1492, 316-1497, 317-1502, 318-1507, 319-1512, 320-1517, 321-1522, 322-1527, 323-1532, 324-1537, 325-1542, 326-1547, 327-1552, 328-1557, 329-1562, 330-1567, 331-1572, 332-1577, 333-1582, 334-1587, 335-1592, 336-1597, 337-1602, 338-1607, 339-1612, 340-1617, 341-1622, 342-1627, 343-1632, 344-1637, 345-1642, 346-1647, 347-1652, 348-1657, 349-1662, 350-1667, 351-1672, 352-1677, 353-1682, 354-1687, 355-1692, 356-1697, 357-1702, 358-1707, 359-1712, 360-1717, 361-1722, 362-1727, 363-1732, 364-1737, 365-1742, 366-1747, 367-1752, 368-1757, 369-1762, 370-1767, 371-1772, 372-1777, 373-1782, 374-1787, 375-1792, 376-1797, 377-1802, 378-1807, 379-1812, 380-1817, 381-1822, 382-1827, 383-1832, 384-1837, 385-1842, 386-1847, 387-1852, 388-1857, 389-1862, 390-1867, 391-1872, 392-1877, 393-1882, 394-1887, 395-1892, 396-1897, 397-1902, 398-1907, 399-1912, 400-1917, 401-1922, 402-1927, 403-1932, 404-1937, 405-1942, 406-1947, 407-1952, 408-1957, 409-1962, 410-1967, 411-1972, 412-1977, 413-1982, 414-1987, 415-1992, 416-1997, 417-2002, 418-2007, 419-2012, 420-2017, 421-2022, 422-2027, 423-2032, 424-2037, 425-2042, 426-2047, 427-2052, 428-2057, 429-2062, 430-2067, 431-2072, 432-2077, 433-2082, 434-2087, 435-2092, 436-2097, 437-2102, 438-2107, 439-2112, 440-2117, 441-2122, 442-2127, 443-2132, 444-2137, 445-2142, 446-2147, 447-2152, 448-2157, 449-2162, 450-2167, 451-2172, 452-2177, 453-2182, 454-2187, 455-2192, 456-2197, 457-2202, 458-2207, 459-2212, 460-2217, 461-2222, 462-2227, 463-2232, 464-2237, 465-2242, 466-2247, 467-2252, 468-2257, 469-2262, 470-2267, 471-2272, 472-2277, 473-2282, 474-2287, 475-2292, 476-2297, 477-23